

DIVERSIDADE
NAS PAUTAS
JORNALÍSTICAS:
O CASO DAS
PERIFERIAS
PAULISTANAS

[IV SICCAL - Trabalho apresentado no IV Simpósio Internacional
de Cultura e Comunicação na América Latina (2018)]

Cláudia Nonato
Universidade de São Paulo

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo apresenta os resultados da etapa quantitativa da pesquisa *A produção de notícias a partir das periferias de São Paulo: perfil, rotinas e novas configurações do trabalho jornalístico*, cujo objetivo era investigar o perfil dos jornalistas que produzem informação a partir e sobre a periferia de São Paulo em novos arranjos econômicos alternativos (Figaro; Nonato, 2017). Para cumprir esse objetivo, faz uma breve reflexão sobre a falta de pluralidade da mídia brasileira, analisa as aproximações e diferenças entre jornalismo local, comunitário, contra hegemônico e periférico e apresenta a metodologia adotada para a pesquisa. Como resultados iniciais, verificamos que os jornalistas são jovens, estão há pouco mais de cinco anos na profissão e não têm uma opinião clara a respeito do conceito de jornalismo produzido nas periferias.

Palavras-chave: Jornalistas. Arranjos econômicos alternativos. Periferias de São Paulo. Jornalismo produzido nas periferias.

This paper presents the results of the quantitative stage of the research *The production of news from the peripheries of São Paulo: profile, routines and new configurations of journalistic work*, whose objective was to investigate the profile of journalists who produce information from and about the periphery of São Paulo in new alternative economic arrangements (Figaro; Nonato, 2017). To achieve this goal, make a brief reflection on the lack of plurality of the Brazilian media, analyze how approximations and differences between local, public, against hegemonic and peripheral journalism and present a methodology adopted for a research. As recent results, verifiable for journalists are young people, just over five years in the profession and do not have a clear opinion about respect for the concept of journalism produced in the peripheries.

Keywords: Journalists. Alternative economic arrangements. Peripheries of São Paulo. Journalism produced in the peripheries.

Este artículo presenta los resultados de la etapa cuantitativa de la investigación *La producción de noticias desde las periferias de São Paulo: perfil, rutinas y nuevas configuraciones de trabajo periodístico*, cuyo objetivo era investigar el perfil de los periodistas que producen información desde y alrededor de la periferia de São Paulo en nuevos arreglos económicos alternativos (Figaro; Nonato, 2017). Para cumplir este objetivo, hace una breve reflexión sobre la falta de pluralidad en los medios de comunicación brasileños, analiza las similitudes y diferencias entre el periodismo local, comunitario y el periodismo hegemónico y periférico, y presenta la metodología adoptada para la investigación. Como resultados iniciales, encontramos que los periodistas son jóvenes, han estado en la profesión por poco más de cinco años y no tienen una opinión clara sobre el concepto de periodismo producido en las periferias.

Palabras clave: Periodistas. Arranjos económicos alternativos. Periferias de São Paulo. Periodismo producido en las periferias.

Introdução¹

A mídia brasileira, marcada por um cenário de concentração de propriedades nas mãos de poucas famílias, é historicamente evidenciada pela falta de pluralidade, com uma linha ideológica e editorial que não representa a diversidade política e cultural da população do país. Essa pluralidade só poderia, até pouco tempo, ser alcançada com a democratização dos meios de comunicação, que daria oportunidades a novos veículos e grupos, favoreceria rádios e tevês comunitárias, jornais alternativos e aumentaria as opções de informação, criando diversas visões no espaço público.

Mas a chegada das novas tecnologias e mídias fez com que essa lógica começasse a se romper, a partir do surgimento de veículos jornalísticos alternativos nascidos na internet. Ou seja, o jornalismo saiu dos domínios da redação, e a plataforma que outrora era usada como meio de divulgação, tornou-se um gerador de notícias. Para Deuze e Witschege, as empresas de comunicação estão fazendo uma transição para tipos mais flexíveis de produção, organizando-se “em várias unidades menores, ou mudaram para um estilo de trabalho e gestão mais descentralizado, baseado em equipes – tentando nivelar hierarquias existentes nas empresas” (2015, p. 17).

1 Partes desse artigo foram originalmente apresentadas no XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) e no IV Simpósio Internacional de Cultura e Comunicação na América Latina (IV SICCAL), todos em 2018.

Foi a partir dessa lógica que começaram a surgir coletivos da mídia alternativa; alguns deles, especializados em questões raciais, sexuais, de gênero, e outros nascidos nas periferias da cidade de São Paulo, preocupados em protagonizar e potencializar suas próprias histórias, fazendo com que a periferia deixe de ser um produto de notícia estereotipado pela mídia dominante. Entender qual é o perfil dos jornalistas que compõem esses grupos é o objetivo principal desse artigo, que apresenta os resultados quantitativos da pesquisa *A produção de notícias a partir das periferias de São Paulo: perfil, rotinas e novas configurações do trabalho jornalístico*, realizada entre 2017 e 2019.

A falta de pluralidade da mídia brasileira: uma breve reflexão

A pesquisa *Media Ownership Monitor Brasil*², criada e lançada pela Organização independente Repórter Sem Fronteiras (RSF) em parceria com o Coletivo Intervezes Brasil de Comunicação Social e divulgada no início de 2018, apontou que o controle da mídia no Brasil continua nas mãos de 22 empresários, sendo que a maior parte é formada por grupos familiares. Desses, cinco grupos ou seus proprietários individuais concentram mais da metade dos veículos no país. Ou seja, a audiência da mídia brasileira é controlada, desde sempre, por

2 Disponível em <http://brazil.mom-rsf.org/br/>. Acesso em 18 de maio de 2020.

uma elite econômica formada por homens, brancos e com alto poder aquisitivo.

Apesar de toda a diversidade regional existente no país e das dimensões continentais de nosso território, a pesquisa aponta que os quatro principais grupos de mídia concentram uma audiência nacional exorbitante – que ultrapassa 70% no caso da televisão aberta, meio de comunicação mais consumido no país.

Além da concentração da audiência e da propriedade cruzada de meios de comunicação, o relatório aponta que há ainda uma preocupante propriedade de lideranças religiosas, que procuram direcionar o conteúdo de sua programação para a defesa dos próprios valores. E tal problema não tem a devida fiscalização, pois a legislação que deveria monitorar a concentração de mídia no país é antiga e, segundo o documento, as autoridades competentes limitam-se a receber e registrar as informações enviadas pelas próprias empresas.

Esse problema se estende por toda a América Latina. O Brasil, com a Rede Globo, está entre os quatro maiores conglomerados de mídia latino-americanos, ao lado do México (Televisa), Venezuela (Cisneros) e Argentina (Clarín), grupos que também pertencem a grupos familiares e, juntos, reúnem aproximadamente 60% do faturamento total dos mercados e das audiências da região (Moraes, 2011).

En América latina, históricamente las empresas de medios de comunicación fueron de propiedad familiar. Sin embargo en las últimas décadas se observa un cambio paulatino pero

incesante–hacia empresas de capitales que integran valorización financiera y grandes negocios mediáticos. Para comprender los procesos de concentración en su real magnitud es preciso, entonces, analizar las diversas formas de control y participación que presentan los grandes grupos de comunicación en la actualidad. En América latina el desplazamiento de los viejos caudillos que artesanalmente gestionaban los gérmenes de los principales grupos regionales por modalidades gerenciales sofisticadas a partir de fines de los años ochenta también contribuye a explicar y comprender el devenir histórico de estos grupos que protagonizan el ecosistema comunicacional de la región (BECERRA y MASTRINI, 2009).

Dênis de Moraes analisou a luta de diversos países latino-americanos pela democratização da comunicação, em oposição ao silenciamento e neutralidade das mídias, impostos por esses grandes grupos de comunicação. Para o autor, a busca por alternativas inclusivas tem sido uma marca na América Latina nas últimas décadas, como “resultados de mobilizações de setores organizados da sociedade civil e de processos populares contra o neoliberalismo e suas terríveis consequências sociais”(2011, p. 25). E, ainda segundo ele, o avanço dos últimos anos no Brasil foi quase nulo.

Becerra e Mastrini (2009) chamam a atenção para a insegurança que o domínio desses oligopólios traz para os profissionais da comunicação. Para os autores, esse domínio leva à precarização, com a redução de cargos e postos de trabalho, além

da questão da autocensura, que coloca em risco a autonomia do sistema de mídia. Em relação à notícia, esse domínio leva também ao silenciamento de questões que não são do interesse desses grandes grupos, pois certas informações não merecem - na opinião desses empresários - serem divulgadas. Desde 2017 o Projor - Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo - desenvolve, em parceria com o Volt Data Lab, o "Atlas da Notícia"³, uma iniciativa para mapear veículos produtores de notícias - especialmente de jornalismo local - no território brasileiro.

O relatório de 2020 mostrou que 3.487 municípios brasileiros não têm nenhum veículo jornalístico, de um total de 5.570 cidades (62%); são os chamados "desertos de notícias". Outra parte, formada por municípios com um ou dois veículos mapeados, é chamada de "quase desertos" e representam 19% do total (1074 municípios); os restantes (19% ou 1009 municípios) são os "não desertos", com três ou mais veículos jornalísticos. Segundo a pesquisa, esses números representam trinta e sete milhões de habitantes sem nenhum veículo de notícias, onde a população não recebe informações independentes e idôneas. Ou seja, há ainda muito a ser explorado jornalisticamente no país, sobretudo nas regiões mais pobres.

3 Feito recentemente pela Atlas Brasil/PNUD/IDHM, Associação Nacional de Jornais, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Secretaria de Comunicação da Presidência da República, Baseado no projeto *America's growing news deserts*, do *Columbia Journalism Report*. Disponível em <https://www.atlas.jor.br/>

Mais uma vez o jornalismo se transforma

As transformações no jornalismo têm sido abordadas nos últimos anos a partir de diversos âmbitos de pesquisa. Do ponto de vista do trabalho, verificamos que a reestruturação produtiva das últimas décadas flexibilizou as relações trabalhistas, reduziu os direitos sociais e ampliou o desemprego (Antunes, 2009), fatos que mudaram, inclusive, as estruturas do jornalismo (Pereira e Adghirni, 2011). Tais fatores acentuaram a insegurança do profissional e trouxeram à tona novas e diferentes formas de precarização, disfarçadas sob nomes como "cooperativismo", "empreendedorismo", "trabalho inovador e criativo", entre outros. Em contrapartida, a tecnologia trouxe para os profissionais a oportunidade de produzir e divulgar conteúdo jornalístico próprio nas redes, sem a intervenção de um grande grupo de comunicação; ao mesmo tempo, abriu-se uma infinidade de novos cargos e funções que extrapolaram as fronteiras das redações (Mick, 2015). Mas não há lugar para todos. Sobretudo, para os menos privilegiados.

Foi diante desse quadro, principalmente em busca de alternativas aos grandes grupos de comunicação, que jornalistas se apropriaram do seu conhecimento e experiência, e também das tecnologias digitais da comunicação para atuar em coletivos organizados horizontalmente (Figaro e Nonato, 2017), criando iniciativas jornalísticas onde pudessem circular conteúdo noticioso, autodenominado como alternativo, independente e/ou contra hegemônico. São os chamados, por Nonato, Pachi Filho e Figaro

(2018, p. 104), como arranjos econômicos alternativos, “uma possibilidade de arranjar, organizar o trabalho de forma alternativa e independente dos conglomerados de mídia”. Para os autores,

A intenção é destacar a possibilidade de que micro e pequenas empresas, organizações não governamentais, organizações da sociedade civil, coletivos e outros grupos de trabalhadores da comunicação e do jornalismo possam representar efetiva alternativa de trabalho (empregabilidade) e de produção de um serviço de qualidade por seus vínculos e compromissos com a democratização dos meios de comunicação (NONATO, PACHI FILHO e FIGARO, 2018, p. 104).

A princípio, esses arranjos se utilizaram de práticas como *crowdfunding* e do colaborativismo como formas de sustentação econômica (Lima, 2015). Além disso, foram acompanhadas e incentivadas financeiramente por inúmeras instituições de interesse privado (universidades, fundações, bancos, conglomerados de mídia), fator que demonstra o potencial e a importância desses grupos.

As periferias que nunca dormem

Não é de hoje que se discute a falta de diversidade política e cultural da população brasileira. Embora estejamos vivenciando um cenário de grandes mudanças, quando se fala em minorias, as pautas dos grandes veículos de comunicação hegemônicos continuam sendo aquelas relacionadas à violência

e/ou ao preconceito. Tal fato acontece, entre outros fatores, porque não há diversidade nas nossas redações, formadas desde sempre por pessoas brancas, privilegiadas e de classe média/alta. Além disso não havia, até bem pouco tempo, diversidade racial, étnica, sexual e de classe social nas salas de aula das universidades brasileiras. É um ciclo, que começou a ser quebrado há quase vinte anos, com a inclusão das ações afirmativas (políticas de cotas) no Brasil.

Até bem pouco tempo, os bairros menos privilegiados, distantes dos grandes centros urbanos, chamados de periferias, eram parte dos chamados “desertos de notícias”. As periferias reúnem uma significativa parte da população brasileira e influenciam historicamente comportamentos e movimentos culturais que acabam sendo apropriados pela classe dominante. As políticas públicas implementadas durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) trouxeram toda uma transformação cultural, social e estética para as periferias brasileiras, com a emergência de movimentos culturais e coletivos, preocupados sobretudo com questões relacionadas à diversidade social, racial e de gênero, entre outras diversas reivindicações. E a comunicação é parte desse processo.

Além disso, milhares de jovens negros e/ou moradores da periferia ingressaram nas universidades nos últimos anos, incentivados por ações afirmativas. Mas esse número ainda não se reflete nas redações, formadas por menos de 10% de negros; poucos em cargo de chefia. Na contramão desse processo, jovens cansados de ver suas comunidades retratadas pela mídia tradicional de forma parcial e muitas vezes preconceituosa, aproveitaram as facilidades e o acesso às mídias digitais

para produzir eles mesmos o jornalismo que representa sua vida cotidiana. Observa-se, em alguns casos, que os jornalistas atuam como educadores, ou seja, preparam os jovens para utilizarem adequadamente recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania.

Muitas dessas iniciativas vieram de Trabalhos de Conclusão de Curso da graduação em jornalismo, uma vez que esses jovens tiveram acesso às universidades, mas não tiveram acesso às redações da grande mídia, que pouco se interessa em pautar o cotidiano das periferias. O termo periferia é, para a pesquisadora Giselle Tanaka (2006, p. 21, “obra coletiva que foi sendo materialmente construída à margem dos processos formais de produção da cidade regulados pelo Estado”. Para os jornalistas que nascem e vivem nas periferias, a situação também é difícil, pois além da escassez estrutural (em educação, saúde, segurança e cultura, entre tantas outras), são raros os veículos de comunicação locais e as oportunidades de emprego na grande mídia, sobretudo pela falta de representatividade nas próprias redações.

É diante desse cenário que emergem os coletivos formados por jovens periféricos que produzem informação a partir e sobre as periferias de São Paulo, preocupam-se em atender ao seu próprio público e são investigados na pesquisa *A produção de notícias a partir das periferias de São Paulo: perfil, rotinas e novas configurações do trabalho jornalístico*. A pesquisa procura responder perguntas que estão alinhadas ao objetivo geral e estão enunciadas da seguinte forma: a) Por que está surgindo uma comunicação voltada para/das periferias? b) Qual é o objetivo de jornalistas que optaram em trabalhar com jornalismo das periferias? c) Como essas iniciativas se

sustentam? Qual o retorno que esperam? Além disso, uma questão que norteou a pesquisa foi: qual o tipo de jornalismo que fazem?

Comunitário, local, contra hegemônico ou periférico: de qual jornalismo falamos?

Ao analisar geografias de mídia local e regional do Brasil, Sonia Aguiar encontrou 34 expressões diferentes, agrupadas em “local, interior, regional e local-regional” (2016, p. 18 e 19). A partir de uma ampla pesquisa dos títulos e resumos de 908 artigos, a autora classificou o “periférico” no grupo “local-regional”, considerado por ela como o mais complexo, por envolver escalas variáveis ou híbridas. Tal experiência resume a dificuldade em conceituar o chamado “jornalismo produzido nas periferias”. Onde esse gênero se encaixaria?

Um primeiro olhar voltado para essa comunicação que surge das periferias remete ao que alguns teóricos chamam de “jornalismo local” ou “jornalismo comunitário”, considerados como publicações “mais comprometidas socialmente” (Dornelles, 2008; Peruzzo, 2009). Segundo as autoras, houve uma valorização do local e do regional nos anos 1990, por conta do comprometimento social dos jornalistas, e por ter sido um período em que o ambiente político, econômico e social era propício. Embora semelhantes, os veículos comunitário e local possuem diferenças e especificidades:

Porém, segundo identificou, a tendência maior é que a mídia local se ocupe de assuntos mais gerais (das vias públicas,

tragédias, violência urbana, tráfico de drogas, política local, serviços públicos, problemas da cidade, culinária regional, etc.), enquanto os meios comunitários trabalham principalmente com pautas de interesse mais específico de segmentos sociais (assuntos dos bairros, do trabalho, dos movimentos sociais, questões de violência, esclarecimentos quanto aos perigos relacionados às drogas e outras problemáticas de segmentos sociais excluídos). O primeiro tipo de mídia, visa mais a transmissão da informação e o segundo a mobilização social e a educação informal. (DORNELLES, 2009, p 163)

Em comum, há o fato de ambos tratarem de temas e conteúdos voltados para a comunidade, aos cidadãos locais, e envolvidos no processo de emancipação dos moradores. A mesma abordagem é feita pelo jornalismo das periferias, que aposta no jornalismo feito “de dentro” da comunidade, ou seja, da vivência daqueles moradores, que estão inseridos naquela realidade.

João Paulo Malerba (2014) propõe um entendimento das mídias popular, alternativa ou comunitária como contra hegemônica, numa perspectiva gramsciana. Para ele, o surgimento das mídias comunitárias está ligado à luta de atores sociais coletivos na busca por um consenso mais favorável às classes subalternas.

Como sabemos, as mídias ditas populares, alternativas ou comunitárias normalmente partem da iniciativa de um grupo socialmente desfavorecido que busca seu fortalecimento enquanto corpo coletivo e vê na comunicação uma poderosa ferramenta de articulação e mobilização social. O veículo passa a ser então um *novo local de poder*

que, além de não estar imune aos inevitáveis conflitos internos, passa a disputar com outras instâncias de poder, procurando agenciar suas próprias demandas e forçar um novo consenso, mais favorável ao corpo coletivo do qual faz parte. (MALERBA, 2014, p. 9)

Ao pesquisar sobre a comunicação que vem sendo feita há alguns anos no interior das favelas do Rio de Janeiro, Felix, Fragoso e Costa (2017) destacam as formas híbridas de produzir comunicação. Para os autores, o popular e o comunitário não se confundem e não estão em lados opostos, mas apresentam características inovadoras, como “autonomia de grupos políticos ou institucionais, produção colaborativa, utilização de materiais e expressões do cotidiano (textos, imagens, “entulhos”) e linguagem georreferenciada” (2017, p.101).

Além das características apresentadas por esses gêneros jornalísticos, vale acrescentar que o jornalismo produzido nas periferias apresenta fortes componentes críticos e identitários, como afirma o pesquisador Tiarajú Pablo D’Andrea:

A experiência social compartilhada do sentir-se periférico é fundamentalmente urbana. Morar na periferia se contrapõe a habitar regiões mais bem estruturadas da cidade e com melhor poder aquisitivo. É possuir uma experiência urbana calcada fundamentalmente na segregação socioespacial, com grandes deslocamentos pela cidade no trajeto trabalho moradia ou mesmo quando da procura de serviços somente oferecidos em bairros melhor estruturados. Esta experiência de segregação socioespacial, marcada fundamentalmente pelo deslocamento na cidade,

pode se erigir por meio da utilização do automóvel e de uma rotina de trânsito, mas na maioria dos casos se expressa na utilização de transportes públicos, com certo nível de precarização e ratificador das grandes distâncias com a qual se estrutura a urbe paulistana. Tal experiência compartilhada de percepção da urbe também se expressa nas dificuldades no mercado laboral, no acesso a serviços públicos de qualidade, nas opções de lazer e cultura distribuídas de maneira desigual pela cidade. (D'ANDREA, 2013, p. 139).

Em sua pesquisa de doutorado sobre os sujeitos periféricos, o pesquisador afirma que o termo periferia mudou de significados ao longo do tempo. Começou na academia, com os intelectuais das ciências sociais aplicadas; mas toma outro sentido a partir da década de 1990, com o lançamento do álbum *Raio X Brasil*, do grupo Racionais MC. Para ele, a partir desse momento o termo passa a ter um forte componente crítico e passa a ser publicizado pelos próprios moradores, cujo atributo se impôs enquanto “categoria identificatória”, e passa a ser utilizado “em larga escala pelo próprio morador da periferia, fundamentalmente por jovens e negros, mas não só, é importante salientar” (2013, p. 142).

Ainda segundo o D'Andrea, a partir do hip-hop o termo periferia se tornou forma política e identitária por seus moradores; popularizou-se e foi adotado pelos saraus, cineclubes, grupos de teatro e rodas de samba. A crítica ao pensamento dominante, hegemônico, era feita diretamente contra a violência e a pobreza. Tais características talvez expliquem a adoção do termo “jornalismo periférico” por parte dos jovens que formam esses arranjos, independentemente do tipo de jornalismo que fazem. Eles trazem como

característica a crítica social, a valorização da identidade e a própria experiência social como valores, para compartilhar em seus veículos de comunicação. Ou seja, eles se consideram “sujeitos periféricos”, no real sentido da palavra.

A metodologia da pesquisa

A metodologia adotada foi a pesquisa exploratória. Para Antonio Carlos Gil (2008, p. 27), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Para tanto, foi feito um recorte inicial da amostra de jornalistas que compunham a “Rede Jornalistas das Periferias”, grupo formado em 2016, composto por coletivos de diferentes localidades que, juntos, reúnem milhares de seguidores nas redes sociais. Faziam parte do grupo original os coletivos *Alma Preta*, *Capão News*, *Casa no Meio do Mundo*, *Desenrola E Não Me Enrola*, *DiCampana Foto Coletivo*, *DoLadoDeCá*, *Historiorama: Conteúdo&Experiência*, *Imagem*, *Mural – Agência de Jornalismo das Periferias*, *Nós*, *Mulheres da Periferia*, *Periferia em Movimento*, *Periferia Invisível* e *TV Grajaú*. A partir desse recorte, a pesquisa foi concebida para uma combinação de duas técnicas: o instrumento quantitativo (formulário eletrônico) e o qualitativo (roteiro de perguntas abertas).

O primeiro procedimento feito foi o levantamento bibliográfico, a partir da experiência histórica do jornalismo social, local

e comunitário e suas mídias. Esse levantamento demandou um olhar histórico local e nacional, para se constatar como, em momentos de transformações tecnológicas e políticas, a prática do jornalismo se organiza, é realizada e renovada. O estudo dessa bibliografia nos permitiu criar parâmetros onde organizamos categorias e verificamos a validade delas frente à outra etapa da pesquisa, que diz respeito ao levantamento empírico de jornalistas - organizados em equipes ou de forma individual - que estejam trabalhando em iniciativa voltadas para a periferias.

Esse levantamento foi feito, prioritariamente, na cidade de São Paulo, e se deu a partir de alguns critérios de comparação e seleção entre os dados encontrados, sempre a partir do ponto inicial, ou seja, iniciativas que sejam de jornalistas profissionais. Outros critérios de categorização foram: localidade, público-alvo e tipo de produto jornalístico produzido, entre outros.

A primeira etapa da pesquisa, cujos resultados serão apresentados a seguir, foi realizada entre o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018, com a aplicação de um formulário online, feito via plataforma *Google Formulários*, para jornalistas que reconhecidamente atuavam nos coletivos que compõem a Rede e, posteriormente, ampliados para outros grupos que se propuseram a participar. Foi necessário abrir o questionário para outros coletivos, porque encontramos resistência por parte de algumas lideranças da Rede que se recusaram a responder ao questionário. Conseguimos, no total, 17 respostas, que nos ajudaram a nortear a etapa seguinte.

A segunda etapa da pesquisa foi a coleta de enunciados dos jornalistas sobre o trabalho deles. Essa coleta foi feita por meio de

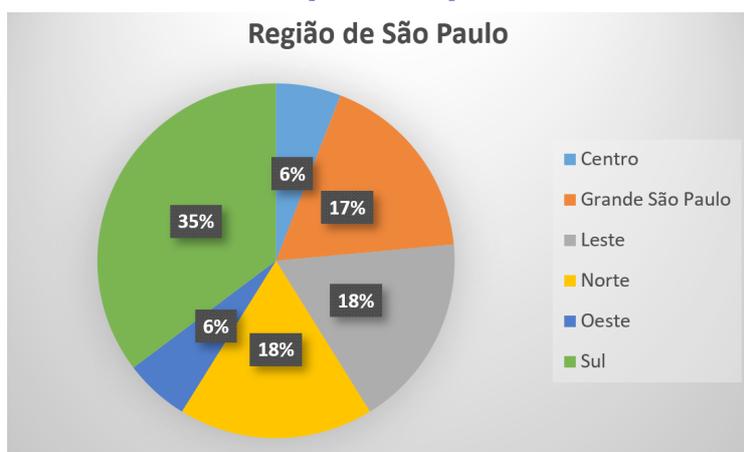
entrevistas com os profissionais. A entrevista não só faz parte do cotidiano de pesquisadores e jornalistas, mas também objetiva o inter-relacionamento humano e a troca de informações através de um contato face a face, numa situação de comunicação direta. Fávero e Andrade (2006, pág. 155) classificam a entrevista como uma técnica de interação social, e “por meio dela, busca-se uma interpenetração informativa que visa a quebrar isolamentos sociais, grupais, individuais; pode ainda servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”. Por meio desses diferentes instrumentos de pesquisa, obteremos material empírico para análise, classificação e categorização. Desse conjunto pretendemos chegar ao pensamento concreto, ou seja, a verificação conceitual e teórica das hipóteses de pesquisa.

Quem produz a notícia da periferia: resultados iniciais

O formulário online, feito e distribuído via *Plataforma Google*, foi disponibilizado entre o último trimestre de 2017 e o primeiro trimestre de 2018. Foram disponibilizadas no total 22 questões, relacionadas a perfil, histórias de vida e profissão.

Os dezessete jornalistas que responderam às questões pertencem a cinco iniciativas diferentes e correspondem a aproximadamente 20% do universo pesquisado. Consideramos o número representativo para compor a amostra. Foram, no total, doze mulheres e cinco homens. A maioria (35%) mora na Zona Sul de São Paulo; os demais dividem-se em proporções quase iguais pelas demais regiões da cidade.

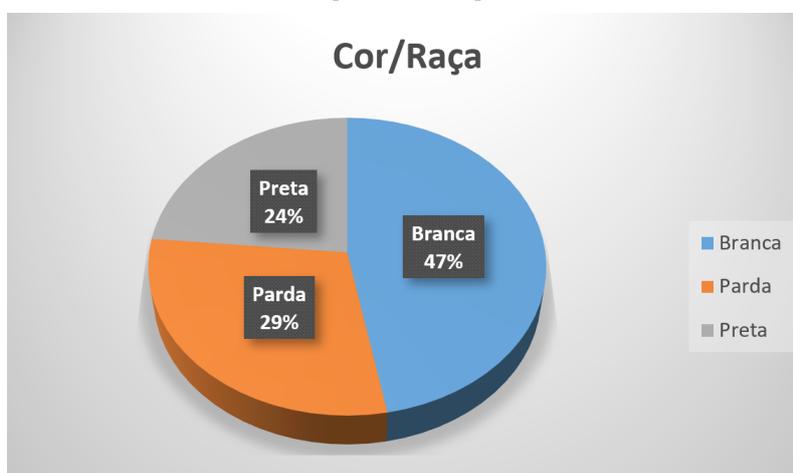
[Gráfico 1]



Os jornalistas são jovens em sua maioria. Mais da metade dos respondentes (53%) possui entre 26 e 35 anos de idade; 41% entre 18 e 25 anos e apenas 6% tem mais de 36 anos. Quase todos possuem graduação em jornalismo; dois declararam ter apenas o ensino médio. A maioria cursou o ensino médio em escola pública e

fez a graduação em faculdade particular. Em relação ao histórico familiar, onze dos jornalistas declararam já ter na família pessoas que cursaram uma faculdade, o que representa ser uma segunda geração de pessoas com diploma superior. A maioria declarou ser da raça branca, conforme o gráfico a seguir:

[Gráfico 2]



Em relação ao tempo de atuação no jornalismo, pouco mais da metade dos profissionais (59%) trabalha entre um e cinco anos na área; 35% está atuando na profissão entre seis e dez anos. Ao perguntarmos o tipo de jornalismo que fazem (comunitário, local, periférico, todas as

alternativas ou nenhuma das alternativas) as respostas são variadas, mas a maioria (41%) declara que o tipo de jornalismo que faz abrange todas essas áreas, fato que demonstra não haver clareza em relação ao gênero nem mesmo a partir de quem o produz.

[Gráfico 3]



Mais dúvidas surgem na questão a respeito das escolhas por este tipo de jornalismo. A maioria (53%) afirma sempre ter se interessado pela área, mas um número considerável (29%) revela ter ingressado na

área por acaso, 12% pela falta de opções e 6% revelam não saber o motivo. Aos serem questionados sobre o que é o jornalismo em que atuam, a maioria declara ter várias respostas, ou todas as alternativas.

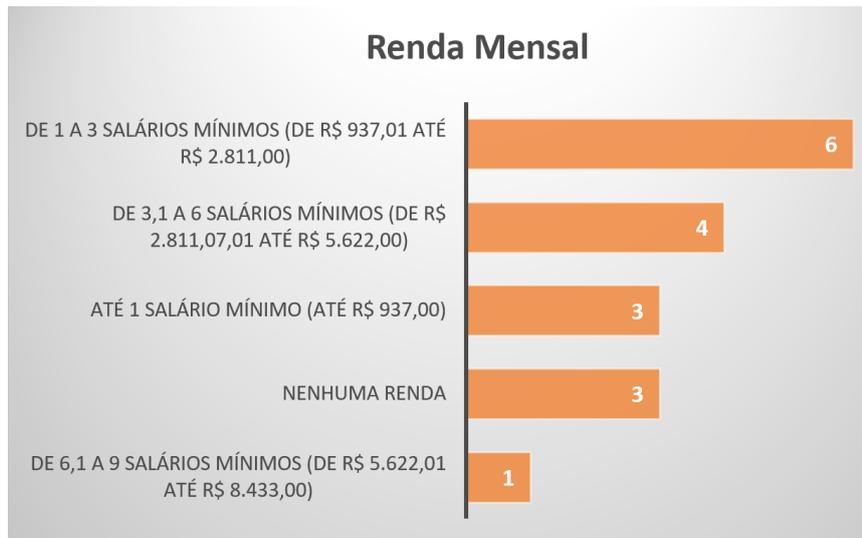
[Gráfico 4]



A renda mensal declarada pelos jornalistas que responderam à pesquisa é, em geral, baixa (de um a três salários mínimos), o que revela haver uma dificuldade em equacionar a relação entre profissão e renda. Três dos jornalistas que responderam à pesquisa declararam não ter renda.

Além disso, ao perguntarmos sobre o vínculo que possuem com o arranjo, a maioria se declara voluntária, seguida da opção freelancer. A maioria dos respondentes (70%) se declarou como pertencente a um coletivo; 65% declarou trabalhar até cinco horas por dia.

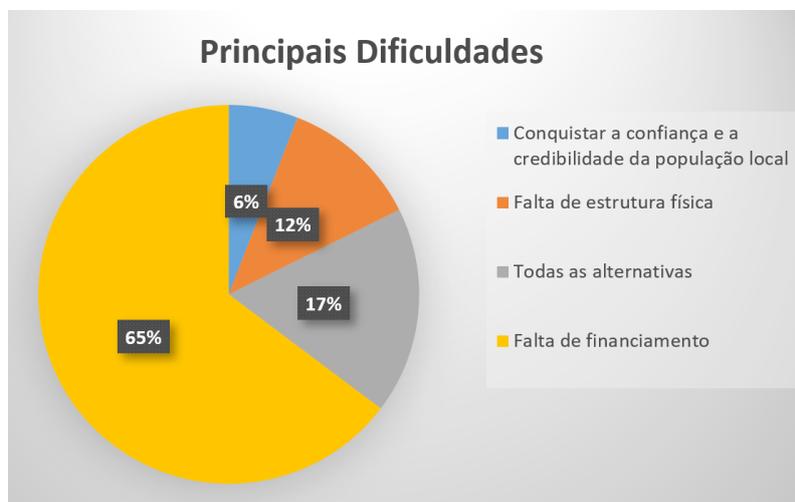
[Gráfico 5]



Ao questionarmos se os jornalistas possuem relação com algum movimento social, 71% declarou não ter este vínculo. Ao serem questionados sobre as principais

dificuldades encontradas pelos jornalistas para atuarem na área, a falta de financiamento se destaca, seguida da falta de estrutura física e de todas as alternativas juntas.

[Gráfico 6]



Apesar de todos os problemas apresentados, 71% declaram querer continuar trabalhando com jornalismo na periferia, demonstrando apego e afeto pelo que fazem. Ao serem questionados (em uma questão aberta) sobre o que a universidade poderia fazer em relação a essas iniciativas, as

respostas foram sobre “abrir espaço e receber esses grupos”; “divulgar entre os alunos”; “reconhecer o jornalismo das periferias como categoria a ser estudada”; “incentivar os alunos a praticar este jornalismo” e “ensinar a não mostrar a periferia de forma estereotipada”, entre outras sugestões.

Considerações finais

Embora o número de respostas não seja o adequado para uma pesquisa quantitativa, os resultados trazem dados reveladores em relação ao perfil dos jornalistas que produzem notícias a partir das periferias de São Paulo. Mostram, por exemplo, que a maioria é do sexo feminino, da raça branca e já possui pessoas graduadas na família, fato que, de certo modo, reproduz o perfil dos jornalistas que trabalham nas redações da grande mídia. A política e o engajamento junto a movimentos sociais não aparecem como prioridade para a maioria. O financiamento e a subsistência do arranjo revelam-se como principais fatores limitadores dessas mídias, que não conseguem alcançar um modelo de negócio que possa abranger sua produção e sustentar os profissionais envolvidos, como se pode observar pela renda declarada. Um dos recursos mais adotados é a inscrição em editais da Prefeitura que visam o fomento de atividades artístico-culturais de grupos e coletivos compostos por jovens e/ou adultos de baixa renda, como o programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) ou pela Lei de Fomento às Periferias. A falta de estrutura também é visível. Outro fator que se destaca é a incerteza em relação ao próprio jornalismo que produzem. Não se sabe, na verdade, se a busca pelo jornalismo na própria periferia é uma busca ideológica ou uma simples questão de sobrevivência, uma vez que não há emprego para todos. São respostas que buscaremos no discurso desses jovens, na etapa seguinte.

Vale destacar que, no início de 2019, quatro coletivos das Rede de Jornalistas das Periferias se uniram para formar o

Fórum Comunicação & Territórios, grupo composto para realizar uma pesquisa online por meio das redes sociais. A pesquisa, denominada “Você conhece iniciativas de comunicação nas periferias de SP?”⁴ mapeou 97 dos chamados “realizadores educativos” (pessoas, coletivos ou organizações sociais e culturais atuantes nas periferias de São Paulo) e, a partir do envio de questionários, entrevistas e de um trabalho de imersão junto às iniciativas, levantou muitos pontos a serem discutidos, em relação à história, formato das produções, rotinas de trabalho, distribuição do conteúdo e formas de sustentabilidade, entre outros importantes temas que merecem ser observados. Mas o importante é destacar a preocupação desses grupos em fazer um trabalho de auto reconhecimento para que possam aprender e evoluir juntos, em prol das comunidades onde atuam. Essas ações demonstram que a periferia, realmente, nunca dorme. ■

[CLÁUDIA NONATO]

Jornalista e Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA/USP) e editora executiva da revista *Comunicação & Educação*, na mesma instituição. Docente do CELACC - Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação (ECA/USP) e integrante do Conselho Consultivo da Agência Mural de Jornalismo das Periferias. E-mail: claudia.nonato@uol.com.br

4 A pesquisa completa está disponível no endereço <https://www.comunicacaoeterritorios.org/a-pesquisa>

Referências

AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo**. Geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

ANTUNES, Ricardo. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In ANTUNES, R.; BRAGA, R. (Orgs.) **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

BECERRA, M., MASTRINI, G. Los dueños de la palabra. **Acceso, estructura y concentración de los medios en la América latina del siglo XXI**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

CASTILHO, Carlos. A alternativa comunitária no jornalismo contemporâneo. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, 11 de ago. de 2014.

D'ANDREA, TIARAJÚ PABLO. **A Formação dos Sujeitos Periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. Tese. Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do Jornalismo. **Leituras do Jornalismo**. N. 4, v. 1, 2015.

DORNELLES, Beatriz. Características do jornalismo impresso local e suas interfaces com jornais comunitários. **Revista ALCEU** - v.8 - n.16 - p. 159 a 173 - jan./jun, 2008.

FÁVERO, Leonor L e ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In PRETI, Dino (org.). **Estudos de língua falada**: variações e confrontos et al. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FELIX, Carla Baiense; FRAGOSO, Mariana Pitasse; COSTA, Andrew. Entre o comunitário, o popular e o contra hegemônico: limites teóricos e aproximações cotidianas. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação Vol. 5, nº 10, julho-dezembro/2017.

FÍGARO, R., NONATO, C. Novos arranjos econômicos alternativos para a produção jornalística. Contemporânea | **Comunicação e Cultura** - v.15 - n.01 - jan-abr 2017.

FREITAS, G.B. de. O discurso “periférico” no centro da narrativa midiática. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cultura das Mídias do **XXIII Encontro Anual da Compós**, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.

LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. **Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação:** em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão. 2015.250 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

MALERBA, João Paulo. Catarse e contra-hegemonia: contribuições gramscianas para a comunicação comunitária. **Razón y Palabra**, vol. 18, núm. 86, abril-junio, 2014 Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey Estado de México, México.

MICK, Jacques. Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, vol.2, n.1 p. 15-37, Jan/Jun, 2015.

MORAES, D. Vozes abertas da América Latina. **Estado, políticas públicas e democratização da comunicação**. Rio de Janeiro: Maud/FAPERJ, 2011.

NONATO, Cláudia. PACHI FILHO, Fernando Felício; FIGARO, Roseli. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **LÍBERO**. Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. ANO XXI - No 41. JAN. / JUN. 2018.

NONATO, Cláudia. SANTANA, J.& Silva, D. Periférico e contra hegemônico: o jornalismo alternativo no Brasil e na América Latina do século XXI. Artigo publicado **no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, INTERCOM – São Paulo, 2016.

NONATO, Cláudia. Blogs, colaborativismo e crowdfunding: novos arranjos para o livre exercício do jornalismo e a prática da cidadania. Revista **Alterjor**. N. 6, v. 2, 2015.

PEREIRA, Fábio Henrique e ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011.

PERUZZO, C. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. In: **Anuário Unesco/ Umesp e Comunicação Regional**, Ano 6, n. 6, jan-dez, São Bernardo do Campo: UMESP/ SP, 2002.

TANAKA, Giselle M.M. **Periferia: conceitos, práticas e discursos:** práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo. Dissertação (Mestrado)- FAU/USP. São Paulo, 2006.